

2 - O pulsar das associações literárias

Milena da Silveira Pereira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PEREIRA, MS. O pulsar das associações literárias. In: *A crítica que fez história: as associações literárias no Oitocentos* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 67-109. ISBN 978-85-68334-50-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2

○ PULSAR DAS ASSOCIAÇÕES LITERÁRIAS

“Associação! Tal é o destino da Humanidade. Tal a convicção universal, espontânea e instintiva do gênero humano.” (Revista da Sociedade Filomática, 1833)

Em 1862, Augusto Emílio Zaluar, nos relatos sobre sua viagem pela província de São Paulo, publicados em *Peregrinações pela província de S. Paulo (1860-1861)*, declara que, se há muito tempo o espírito de associação literária vinha se desenvolvendo “vantajosamente entre os estudantes de S. Paulo, cumpre confessar que hoje sobretudo esta tendência, favorável estímulo do talento, está em um dos seus períodos de mais bela plenitude”. Os amigos das letras, continua o escritor e jornalista, “não têm arrefecido no seu culto, e, seja dito em abono do presente, é esta uma importante garantia do futuro” (ibidem). A impressão de Zaluar (1862) sobre o desenvolvimento de um espírito associativo entre os letrados vinha engrossar um coro que, àquela altura da vida intelectual não só paulista mas também brasileira, conforme apontado no capítulo anterior, já não era pequeno. Da Sociedade Filomática à futura Academia Brasileira de Letras (ABL), primeira associação literária de âmbito nacional, praticamente todas as agremiações literárias empenharam-se de

alguma forma, como veremos ao longo deste capítulo, em destacar a importância do espírito associativo para as letras e para o país.

Partindo da percepção dos homens daquele tempo sobre a função dessas entidades associativas e o despertar de um gosto por agremiar-se, o primeiro volume da *Revista da Sociedade Filomática*, a propósito, trazia na sua introdução, assinada por Carneiro de Campos, Bernardino Ribeiro e Silveira da Mota (1977), um histórico sobre o surgimento desse espírito associativo. Para os autores, “o gérmen do espírito de associação comprimido por tanto tempo só produziu seus frutos no século 16, neste período em que a Sociedade humana tomou na Europa uma forma definitiva [...] e marchou rápida para um fim preciso” (ibidem, p.4). Declaram, nesse sentido, que a Grécia, mesmo que tenha sempre sido tomada como ponto de partida da “marcha progressiva do homem social”, nunca vira reuniões de homens instruídos, “tudo lá era individual, reputações, erros, e conceitos” (ibidem, p.6). Não negam os nossos letrados a existência de associações gregas, contudo eram associações “de um mestre só”, ou melhor, eram escolas centradas na figura de um só homem, em que reinavam doutrinas predominantes. Segundo os estudiosos da Filomática, nesse tipo de reunião, presidida, entre outros, por Pitágoras, Platão e Aristóteles, “ensinava-se, não se discutia, e sabe-se que o livre combate das ideias opostas é o cadinho único onde a verdade se apura, e se reveste de seu brilhantismo” (ibidem, p.8). Com esse tipo de consideração, destacando o que não se queria, esses homens de letras começavam, assim, a delinear o que deveriam ser as associações para servir ao desenvolvimento do país.

E somente no século XVI, de acordo com Campos et al. (1977, p.11), quando “o gênio começou a entender qual era sua devida destinação” – esclarecer os homens e concorrer com eles para o seu bem geral – e os sábios começaram “a trabalhar de concerto na grande obra da regeneração do espírito humano”, foi dado o primeiro passo que concorreu positivamente para o espírito associativo. A partir de então, “associações fortes e permanentes” passaram a se estabelecer por toda a parte, fortalecendo o seguinte pensamento: “poucos

indivíduos podem por si dar melhoramentos ao homem; portanto grande número se reúna para produzi-los” (ibidem).

Ao realizarem esse histórico, ou melhor, ao construírem uma narrativa retrospectiva empenhada em relacionar progresso e coletividade, como no seu tempo se tornava imperativo, graças aos ideais ilustrados, os letrados da Filomática buscaram denunciar a carência de associações no Brasil naquela década de 30 do Oitocentos. Nosso país, segundo eles, no que se refere às agremiações – tirando as “não poucas políticas em vários pontos do império” –, apenas pode mencionar a Sociedade de Medicina, algumas destinadas à Instrução Pública no Rio de Janeiro e a de Agricultura na Bahia. Muito poucas, portanto. A grande deficiência, pelo diagnóstico dos autores, devia-se a um vício remoto, a falta de continuidade, ou seja, desde 1780, quando se intentou formar uma Arcádia no Rio de Janeiro, “tudo tem ficado em projeto, nada tem progredido” (ibidem, p.14). E era justamente esse quadro, em que ao arrebatamento não correspondia uma igual persistência, que os membros da Sociedade Filomática buscavam alterar, ou seja, “este universal atraso, que prova quanto é necessário derramar-se entre nós as ideias de associação e seus benignos efeitos, devia animar mesmo francas capacidades a aventar alguma empresa; e [foi] o que sucedeu” (ibidem). Na percepção desses homens, portanto, a Sociedade Filomática viria fundar uma postura associativa ou redefinir a frágil postura que antes se tinha anunciado.

No primeiro aniversário da Associação Tributo às Letras, em 1864, no relatório anual da instituição, Manoel Gomes Tolentino (1864, p. 36), do mesmo modo, reafirma o valor das agremiações anunciando que “no vasto altar do patriotismo as inteligências comungam e a fé no espírito de associação se manifesta no simbólico aperto de mão da fraternidade”. O tom emotivo, característico dos balanços das sociedades literárias do tempo, era ainda mais comovente por apelar para relações com os ideais que se firmavam no período: pátria e letras. A intencionalidade de tal relação vinha justamente comungar com os princípios divulgados naquele tempo, especialmente depois da independência do Brasil. Assim, por meio

do espírito associativo, continua o secretário dessa agremiação, “o princípio de união alia-se ao amor ardente da Pátria e sobre tão sólidos alicerces e tão larga base se ergue o edifício das associações literárias, a origem de uma explica-se pela de todas” (Tolentino, 1864, p.36). As letras são, *grosso modo*, aquelas compromissadas em fixar a memória de uma nação cujos percalços, ao contrário de serem observados pelo seu aspecto negativo, eram lidos como desafios de uma história cujo fim seria promissor. E a pátria de que Tolentino (1864) fala é, pelo que se depreende de seu balanço, a mesma anunciada por Gonçalves de Magalhães (1978, p.152), quando este analisa a situação da literatura em 1836:

[...] uma só ideia absorve todos os pensamentos, uma nova ideia até ali desconhecida, é a ideia de Pátria; ela domina tudo, tudo se faz por ela, ou em seu nome. Independência, Liberdade, instituições sociais, reformas, política, enfim, tais são os objetos, que atraem a atenção de todos, e os únicos, que ao povo interessam.

Semelhante teleologia vai se delineando também em outros discursos comemorativos e ganhando componentes que a engrandecem e fornecem-lhe conteúdo. Uma outra pitada de exaltação aos grêmios literários é lançada por Luiz Paulo dos Santos Macedo Ayque (1865), membro da Sociedade Propagadora das Belas-Artes. Em discurso lido no aniversário da Sociedade Ensaios Literários do Rio de Janeiro, em 1865, o fervoroso associado recorda uma peça que, naquele tempo, parecia depender inegavelmente do espírito de corpo: o avanço, o desenvolvimento, a civilização. Declara ele que tal prática associativa, que despertou no alvorecer do século XIX, “abriu caminho, gigante e impávido, na arena da civilização” (ibidem, p.457). O espírito de associação, prossegue, “é um elemento da vida”, pois as associações literárias “são os estádios em que se experimentam as forças do espírito, em que o talento pela união do trabalho empluma as asas para voos da posteridade!” (ibidem, p.460). E continua: “as instituições literárias, Senhores, são escolas ao povo que lhes colhe a educação; são horizontes abertos à perfeição

intelectual destes mancebos de hoje que serão a vanguarda dos sábios e dos filósofos do declínio deste século” (ibidem, p.461). Na posição do orador, posição partilhada pelas demais associações, às sociedades literárias era atribuído um papel pedagógico e proposto um empenho no desenvolvimento da cultura escrita da nascente nação.

Vejam, agora, depois de anunciarmos as aspirações projetivas de pactos coletivos em prol da construção da nação e os depoimentos denunciadores da presença de um certo espírito associativo, os dispositivos de desenvolvimento e de continuidade das sociedades literárias, bem como as formas de organização dessas entidades surgidas em São Paulo e no Rio de Janeiro, entre 1833, ano de surgimento da Sociedade Filomática, e 1897, data de fundação da ABL.¹

Associar-se e ilustrar-se

Em 1832, alguns estudantes e professores da Academia de Direito de São Paulo, aproveitando o clima favorável à fundação de agremiações que mencionamos no capítulo anterior, reuniram-se para criar a Sociedade Filomática:

[...] alguns Mancebos ainda no tirocínio, atentando a todas as expandidas considerações de glória, e de utilidade pública, e particular, formaram uma Associação que intitularam Filomática. Foi seu fim criar um pequeno centro de luzes dispersas [...] e incitar maiores capacidades a reunirem-se para proveito geral. [...] O órgão da Sociedade é a Revista Filomática, que agora aparece. Seu timbre e sua única meta serão – coadjuvar a marcha lenta, mas

1 É importante mencionar que tal análise foi feita tendo como base as informações contidas nos periódicos publicados pelas associações literárias, em razão dos poucos ou quase inexistentes estudos sobre esse tema. Esses periódicos perpetuam, até os nossos dias, por meio ou de edições fac-similares (*Revista da Sociedade Filomática*, 1977), ou de antologias (Castello, 1963), ou nas raras pesquisas sobre o tema (Garmes, 2006) ou, caso da maioria, por meio das primeiras edições dessas revistas do século XIX.

sempre progressiva, da civilização brasileira com todos os esforços [...] seus meios – a publicação de memórias úteis sobre as Ciências e a Literatura –; a crítica das Obras notáveis que aparecem em nosso país –; a notícia do que forem tendo de mais interessante os Povos cultos. (Campos et al., 1977, p.14-5)

Quatorze anos depois, surgia, também em São Paulo, o Instituto Literário Acadêmico com o formato e os interesses bem próximos aos da Filomática, ou seja, era constituído por alunos, majoritariamente primeiranistas, e professores da Faculdade de Direito – homens como José Carlos d’Almeida Areias, Joaquim Ferreira Valle, José de Alencar, João d’Almeida Pereira Filho, Aureliano José Lessa, Antônio José Leite Lobo e José Bonifácio, o moço –, os quais, no discurso de abertura do Instituto Literário Acadêmico, proclamavam: “a quadra atual Srs. é a quadra precursora de um futuro brilhante, de uma civilização que nasce e que caminha a passos de gigante para um porvir cheio de esperança” (“Discurso recitado pelo presidente...”, 1848, p.4). Seu periódico, *Ensaio Literários*, com o subtítulo *Journal de uma Associação de Acadêmicos*, trazia nas primeiras páginas estampada a missão, qualificada de “nobre, santa e sublime”, de desenvolver a literatura e a filosofia e de honrar a Pátria “de alma e coração” (“Introdução”, 1847, p.1, 4).

Aparentemente, tanto os objetivos dessas sociedades literárias quanto as metas das revistas traduziam as aspirações mais amplas daquele tempo. A divulgação de conhecimentos diversos em favor da “marcha lenta e progressiva da civilização brasileira” e o estímulo a “uma civilização que nasce e que caminha a passos de gigante” eram os propósitos de praticamente todos os poucos movimentos de caráter cultural e revistas literárias surgidas até então. No entanto, apesar de o desígnio de tentar influir no cenário social e cultural do Brasil ter ganhado força naquela época e ter se tornado uma espécie de moeda corrente entre os letrados, podemos afirmar que tal desígnio e o discurso em prol da necessidade de associar-se foram os legados mais fortes deixados pela pioneira Sociedade Filomática, atuando, inclusive, como um importante

veículo de formação das sociedades literárias estudantis paulistas que viriam depois.²

Se, em São Paulo, nas décadas de 30 e 40 do Oitocentos, temos notícias somente dessas duas associações destacadas, no decorrer dos anos 1850, no entanto, começaram a despontar na capital paulista agremiações de caráter literário com notável entusiasmo. A primeira delas foi a Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano, fundada em 3 de maio de 1850. Teve como presidente de honra o Dr. Manoel Joaquim do Amaral Gurgel, diretor da Faculdade de Direito, e presidente efetivo, em 1857, Lafaiete Rodrigues Pereira. Entre os sócios desse grêmio, estava a fina flor da intelectualidade acadêmica daquele tempo, a saber, Ferreira Viana, Paulino José Soares de Sousa, Félix da Cunha, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, José Bonifácio, o moço, e o mais talentoso poeta brasileiro de sua geração, Álvares de Azevedo, idealizador e fundador da entidade. Malgrado as questões filosóficas estivessem na frente para a agremiação, a preocupação com a literatura, com os caminhos do país e com os destinos da nacionalidade foi o principal foco dos membros da Sociedade Ensaio Filosófico – preocupação, vale frisar, que perpassaria praticamente todas as agremiações literárias. A relação entre literatura, desenvolvimento do país e nacionalidade, como já anunciado, foi tema recorrente não só das sociedades literárias, mas também de todos os campos envolvidos com as letras e o progresso da recém-fundada nação brasileira. Macedo Soares (apud Castello, 1963, p.73), a esse respeito, fala que, naquela época, o pensamento da nacionalidade havia ganhado terreno e já se pensava “na necessidade de nacionalizar-se a ideia em todas as ordens de conhecimentos”, ou seja,

2 Os trabalhos mais recentes que se dedicaram ao estudo dessa agremiação apontam que, embora efêmera, a Sociedade Filomática e especialmente a sua revista tiveram um papel significativo nos primórdios do romantismo e da crítica literária brasileira. Castello (1999, p.178), por exemplo, afirma que ela “é um marco inicial de um movimento de sociedades culturais e de revistas que traduziriam muito bem a efervescência literária, crítica e criadora”. Soares Amora (1967, p.85) igualmente ressalta que “não é difícil chegar à conclusão de que o saldo deixado pela Sociedade Filomática, em matéria de ‘princípios ativos’ para a literatura nacional em gênese, não foi despiciendo”.

Da tribuna e da imprensa, proclama-se a nacionalização da família. Nas academias, ouve-se a voz dos mestres pugnar pela nacionalização do direito.

Nas associações literárias, discutem-se os elementos da nacionalidade da literatura, as fontes de vida da arte.

É, enfim, a nacionalidade a palavra mágica que ocupa o pensamento calmo e severo do homem de Estado, que faz vibrar a voz do professor, que eletriza o coração dos mancebos.

Objetivos bem próximos também são encontrados em associações como o Ateneu Paulistano, o qual estabeleceu a data de fundação no dia 7 de setembro de 1852 para celebrar os 30 anos da Independência do Brasil. São Paulo, no que se refere às questões envolvendo a Independência, por ter sido palco desse episódio, fez criar entre os seus homens de letras um espírito de “brado da liberdade”, cujo impulso para o surgimento de agremiações com tal propósito foi significativo. Os sócios do Ateneu relatam que a escolha de tão célebre data “é mais uma prova dos sentimentos patrióticos, que felizmente animam os corações da geração moderna” (*Ensaio Literários do Ateneu Paulistano*, 1852, p.25). E, no empenho por forjar uma imagem positiva do Brasil e do brasileiro e despertar tais sentimentos patrióticos, os membros do Ateneu Paulistano exaltavam: as “proporções gigantescas do novo Império Americano, o clima benigno e variado, que percorre suas vastas regiões, a fertilidade e os recursos do solo, tudo predizia, que o Brasileiro seria inteligente e social, cavalheiro e patriótico, hospitaleiro e magnânimo” (ibidem).

E muitas foram as sociedades literárias – acordadas com esse tempo de consolidação da cultura de um Brasil que há pouco se tornara independente – fiéis aos ideais nacionalizantes e empenhadas no cultivo das belas-letas, no estudo da história pátria, nas questões sociais, políticas e jurídicas e formadas por jovens acadêmicos e professores da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. A pioneira Sociedade Filomática, nesse sentido, ajudou a criar um padrão de divulgação da literatura e de organização dos homens de letras daquela época. Couto de Magalhães (1881, p.19), a esse respeito, em

1850, declara que “só quem aprecia de longe estes fatos é que pode avaliar a sua importância”; “desde a fundação desta *Sociedade* para cá plantou-se uma ideia na mocidade e foi: que nas letras, como em tudo o mais, a união faz a força”. Tais esforços lançavam, assim, mais uma pá de cimento para vincular um projeto de nação e a necessidade de criar um espírito coletivista nas letras ainda sem rastro no século XIX.

Não sabemos muito sobre como eram as reuniões dessas associações literárias, a não ser que elas tinham papel capital na existência dessas entidades, pois, em alguns casos, as reuniões eram as realizações mais efetivas das associações. Pelas atas e pelos relatórios publicados nas revistas dessas sociedades paulistas, podemos afirmar que os encontros eram semanais, com duração média de duas a três horas, e aconteciam, geralmente, em salas da Faculdade de Direito, no período noturno. Na *Revista da Associação Club Acadêmico*, de 1864, aparece, por exemplo, o seguinte extrato das atas das sessões:

1^a – 17 de março – Compareceram 20 sócios. Procedeu-se as eleições gerais, e em lugar de sessão magna se resolveu a publicação do presente número da “Revista”.

2^a – 23 de março – Presentes 23 associados. Foram aprovadas as contas do Snr. C. Ottoni, tesoureiro interino, e bem assim o parecer da mesa – mandando pagar uma reclamação do Snr. E. Santo Cabral na importância de 21\$000 rs.

3^a – 30 de março – Presentes 21 sócios. O Snr. Calazans leu seu parecer sobre a tese; “O decreto de 28 de março de 1859 fere a soberania da Igreja?”. Oraram os Snrs. Herculano, P. Vicente e Paula Ramos.

4^a – 6 de abril – Reuniram 18 sócios. O Snr. C. Ottoni leu seu parecer sobre a tese: “Qual o fundamento do direito de punir?”. Oraram os Snrs. Ribas e Leônidas.

5^a – 13 de Abril – Presentes 27 sócios. Continuou em discussão a tese adiada. Oraram os Snrs. T. Bastos, P. Vicente P. Ramos, Epaminondas, Herculano e C. Ottoni. [...]

12^a – 24 de maio – Estiveram presentes 34 sócios. O Snr. P. Vicente leu seu parecer sobre a tese: “Qual a influência dos Jesuítas na

civilização da Europa?” . Oraram os Snrs. Leônidas, C. Ottoni e F. Veiga.

13ª – 1º de junho – Continuou a discussão adiada. Oraram os Snrs. T. Bastos, Pereira Campos, F. de Menezes, Pedro Vicente, Cunha Leitão, Silva Paranhos, e S. Epaminondas. Estiveram presentes 34 associados. (“Extratos das atas das sessões”, 1864, p.70-1)

As sessões eram frequentadas por um número razoável de sócios, sendo necessária a presença de metade dos associados para a sua realização. Os cargos sociais eram formados, em geral, por três categorias de filiados: efetivos, correspondentes e honorários; e a mesa diretora era constituída pelos cargos de presidente efetivo, presidente honorário, vice-presidente, primeiro-secretário, segundo-secretário, tesoureiro, adjuntos e oradores, todos eleitos anualmente. As sessões eram sempre abertas com o discurso do presidente da associação ou equivalente; em seguida, o secretário apresentava as realizações da sociedade no período, desde trâmites burocráticos até publicações da sociedade, e, depois, os oradores recorriam às bibliotecas dessas instituições e iniciavam a leitura de poemas, teses, projetos ou optavam por levantar alguma questão para ser discutida. Existiam também reuniões solenes de comemorações e homenagens, sessões magnas no aniversário das associações e, completando o rol das cerimônias comemorativas, sessões fúnebres pela morte de algum sócio ou figura importante. Eram, pois, reuniões em que o caráter ritualístico e o compromisso mais com a formalidade do que com questões socioculturais de certa maneira se impunham.

Na sessão magna de 16 de abril de 1864, por exemplo, a Associação Tributo às Letras comemorava seu primeiro aniversário. Na ata de tal sessão, o segundo-secretário Firmino de Souza Lima relata que o presidente efetivo, Antonio Benedito dos Santos Malheiros, declarou aberta a sessão com um discurso que “foi um verdadeiro brado de animação, regando assim em nosso espírito as ideias de progresso, esperança e resignação” (Vasconcellos, 1864, p.35). Em seguida, o primeiro-secretário, Manoel Gomes Tolentino, leu o relatório “dos principais fatos acontecidos durante todo o ano social”

(ibidem). Depois, teve a palavra o orador da associação, Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcellos, “satisfazendo ao que realmente esperava-se, continuou a mostrar por seu discurso os resultados que tem colhido em seus aturados estudos” (ibidem). A sessão continuou com o discurso de alguns convidados, representantes de outras associações literárias,³ em homenagem à associação aniversariante. E, por fim, o encerramento e os agradecimentos finais, que deveriam ter sido feitos por Fagundes Varela, foram proferidos por João Correa de Moraes, já que o “incansável orador” não pôde comparecer.

Outro exemplo do predomínio do tom panegírico nas sessões dos agremiados é a notícia sobre a sessão fúnebre no Ateneu Paulistano, realizada em 29 de março de 1858, em razão da morte de dois sócios, Dr. Lindorf Ernesto Ferreira França e José Augusto Terra. O segundo-secretário, o bacharel J. M. de Lima e Silva (1858, p.453), relata em ata que o presidente Duque Estrada Teixeira abriu a sessão “com a recitação de um tocante discurso análogo à solenidade” e, em seguida, uma orquestra, postada junto à entrada da Sala da Sessão, executou uma sinfonia que bem “exprimiu o sentimento de que se achavam possuídos os membros do *Ateneu Paulistano*, pela perda de seus dois Sócios, companheiros valentes nas fadigas, nas glórias e nos infortúnios desta Associação”. Música, comoção, recitações e bajulações recheavam, assim, a cerimônia. Depois da apresentação, tiveram a palavra Pedro Luiz Pereira de Souza e Luiz José de Carvalho e Mello Mattos. Aquele, na qualidade de orador do Ensaio Filosófico Paulistano, manifestou “a parte que toma esta Associação no luto de seu irmão”, e este, como orador do Ateneu, fazendo uma sucinta biografia dos sócios finados, “esparge sobre seus túmulos lágrimas e saudades” (ibidem). O encerramento da reunião, como de praxe, foi feito pelo presidente. Ritos e protocolos, enfim, davam a feição do que deveriam ser os encontros para pensar um projeto de Brasil por meio das letras e das trocas entre letrados.

E não somente em São Paulo as sociedades literárias foram marcadas por esse ritualismo e gosto pela formalidade. As associações

3 Mais adiante, trataremos dessa relação entre as associações literárias.

literárias surgidas na capital do país não se distanciaram minimamente dessa forma de organização dos letrados, embora as possibilidades de sociabilização fossem mais amplas, como veremos mais adiante.⁴ Não é nossa intenção aqui transcrever muitas atas dessas reuniões, mas alguns exemplos são válidos para tentarmos entender a dinâmica dessas associações. Nos dois trechos extraídos de atas da Sociedade Brasileira Ensaios Literários, sobressaem, por exemplo, aquele gosto pelo protocolo, pelas normas e pelas etiquetas:

SESSÃO ORDINÁRIA EM 26 DE JULHO DE 1865

Presidência do Sr. Pereira Silva

Às 7 ½ horas da noite, abriu-se a sessão estando presentes 34 Srs. sócios. Compareceram depois mais 7 Srs. sócios.

Foi lida a ata da sessão antecedente. O Sr. Cícero Pontes, mandou à mesa uma moção que foi discutida pelos Srs. Pires d'Almeida, Caetano de Campos, F. Leitão, Frazão e Pereira Silva.

O Sr. Pinto requereu o encerramento da discussão que foi aprovado. Foi em seguida aprovada a ata.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

Fizeram ofertas à biblioteca e leram trabalhos em prosa e verso os Srs. Cassiano Moreira, Paraty, Pereira Leitão, Cícero Pontes, Cunha Rocha, Pires de Almeida, Jerônimo Simões e Chaves Faria.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

Ocupou a tribuna o Sr. Hancock Dunham.

Levantou-se a sessão às 9 ½ horas da noite.

A. C. Chaves Faria, 1º Secretário.

4 Vale lembrar que o foco de nossa análise são as sociedades literárias de São Paulo e do Rio de Janeiro, mas tal afirmativa sobre a existência de um padrão de sociabilização entre os letrados pode ser, acreditamos, estendida para o restante do Brasil oitocentista.

SESSÃO ORDINÁRIO EM 2 DE AGOSTO DE 1865

Presidência do Sr. Pereira Silva

Abriu-se a sessão às 7 ½ horas da noite, estando presentes 27 sócios. Compareceram depois mais 6 Srs. sócios.

Leu-se a ata da sessão antecedente. Veio à mesa um requerimento do Sr. F. Leitão sobre o qual falaram os Srs. Major e Cícero Pontes, que foi aprovado, e em seguida aprovada a ata.

EXPEDIENTE

Leu-se o seguinte ofício do Ex. Sr. Ministro da Marinha, acusando a recepção do ofício que a Sociedade lhe enviará: [...]

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA

Fizeram ofertas à biblioteca e leram trabalhos os Srs. Paraty, Pires de Almeida, Jorge de Carvalho, Pereira Leitão, F. Leitão, Jerônimo Simões, Major, Gutierrez, Macedo de Carvalho e Chaves. A Sra. Sócia honorária D. Adelaide Moreira, ofereceu à biblioteca um rico volume.

O Se. Presidente fez a leitura do segundo canto do seu poema *Riachuelo*.

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA

Ocupou a tribuna o Sr. Manoel Antônio Major, e levantou-se a sessão às 9 ½ horas da noite.

Esta sessão foi honrada com a presença de várias senhoras.

A. C. Chaves Faria, 1º secretário. (Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários, 1865, p.152-3)

Apesar dessa cerimonialidade, os sócios desses grêmios encontravam-se com frequência e não apenas se dispunham a recitar poemas, mas também buscavam discutir literatura, história, filosofia e direito, e debater teses. Conviviam, desse modo, com seus pares

e admiradores, e deixavam, entre uma e outra formalidade, uma e outra discussão, um espaço reservado para focar sobre a vida e a produção de membros e de outras agremiações.

Esse tipo de sociabilização dos letrados, pois, ajudou, sem dúvida, a compor parte significativa dos escritores brasileiros do século XIX. Essa relação entre os letrados pode ser vista como uma forma de produção e apropriação do conhecimento, ou melhor, havia entre os homens de letras e nos seus escritos um incentivo à convivência, mais talvez do que a dedicação individual e em isolamento, como forma de enriquecimento cultural, de troca de experiências e de conteúdos. Em uma sociedade em que as expressões culturais eram ainda recentes, as bibliotecas escassas, o produtor de cultura era seu consumidor e as carências literárias eram muitas, as sociedades literárias apresentavam-se como uma forma importante de obtenção de conhecimento e de estímulo a ele.⁵

O maior exemplo de associação cultural bem-sucedida, ou melhor, duradoura e mais frutífera para o desenvolvimento do conhecimento no país, foi o IHGB, fundado na capital do Império em 1838. O IHGB, em meados do século XIX, retomando o que foi apresentado no capítulo anterior, afirmou-se, diferentemente de algumas associações, como um centro de estudos bastante ativo, favorecendo a pesquisa literária, estimulando a vida intelectual e funcionando como um elo entre a intelectualidade e os meios oficiais, tornando-se, inclusive, uma espécie de porto seguro para os homens de letras (Schwarcz, 1998, p.127). Essa instituição pode ser vista como um marco na concepção de um novo tipo de agremiação no Brasil, sendo o empreendimento cultural mais bem realizado do Império brasileiro, pela sua organização, pelo papel de sua revista e, ainda, pela sua permanência ao longo do tempo.⁶ E, por essas e

5 Sobre o cenário cultural do século XIX, ver, entre outros, Martins (1977-1978), Lajolo e Zilberman (1996) e Abreu (2005).

6 Uma historiografia inteira de peso já destacou o papel do IHGB. Desde os primeiros como o trabalho do secretário-geral Max Fleiuss, “A história do instituto através de sua revista”, passando pelo estudo de Manoel Luís Salgado Guimarães (1988), “Nação e civilização nos trópicos”, até a tese de Lucia

outras, praticamente todas as agremiações surgidas no país nesse século XIX seguiram o padrão de organização do IHGB e seu modelo de revista.

No que se refere à sociabilização dos letrados brasileiros, é sabido, inclusive, que existiram outras formas de reunião da intelectualidade, especialmente no Rio de Janeiro nas últimas décadas do Oitocentos, quando, então, a atividade literária intensifica-se.⁷ Uma das mais conhecidas formas teve lugar na famigerada via carioca do século XIX, a Rua do Ouvidor, que funcionou como uma espécie de ponto de confluência e de rivalidades dos letrados. De saída, vale destacar que, entre os acontecimentos que colaboraram para a intensificação da relação entre os letrados no final do século XIX, o processo de modernização desencadeado desde meados desse século no Brasil – impulsionado, entre outros motivos, pela decadência da economia tradicional e ascensão da economia cafeeira e industrial, pela urbanização, pelo aparelhamento técnico e institucional do país, e pelo aperfeiçoamento do sistema de transportes e dos meios de comunicação –⁸ alterou significativamente a capital do Império. O Rio de Janeiro, nessa época, já contava com ruas calçadas, iluminação a gás e bondes elétricos, contava também com uma vida social relativamente intensa, com as opções de teatros, bailes, centros comerciais, jardins, hotéis, cafés e passeios públicos. A vida cultural na urbe carioca, desse modo, ganhava novos contornos, com a intensificação das atividades intelectuais, a introdução de novas técnicas na imprensa, o aumento da circulação de ideias e, ainda, com o apoio de D. Pedro II. Para a capital do Império,

Paschoal Guimarães (1995) publicada na revista do IHGB, “Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial”, todos destacaram a importância dessa instituição para preservação da memória e a construção da história do Brasil.

7 Sobre sociabilização dos letrados no século XIX, ver Broca (1979), Lajolo e Zilberman (1996), Schapochnik (1994), Machado (2001), Abreu (2005) e Machado Neto (1973).

8 Esse processo de modernização desencadeado a partir de meados do século XIX no Brasil foi trabalhado por grande parte da historiografia, entre outros: Costa (1999), Holanda (1972), Freyre (2008), Prado Júnior (1985) e Alonso (2002).

então, começam a convergir os homens de letras representantes dos movimentos do Norte, do Nordeste, de São Paulo, entre outras províncias, que encontrariam no Rio oportunidades de emprego no ensino, na política ou no jornalismo. Novos contornos ganhou, concomitantemente, a Rua do Ouvidor, projetando-se como um espaço concorrido, elegante, local de encontro, aonde as inovações chegavam primeiro e a vida literária carioca progredia. A rua, desse modo, surgia como um dos símbolos de uma sociedade em que cidade e produção literária eram peças complementares e interdependentes, e em que certos espaços, como esse de socialização letrada, ajudavam a firmar que a urbanidade era o horizonte que se projetava para o futuro.

Nessa rua, ou nas suas proximidades, encontrava-se a maior parte dos principais cafés, confeitarias, jornais e livrarias do final do século XIX, passando por ela tudo o que o Rio de Janeiro literário possuía de mais notável no âmbito das letras. Coelho Neto (2003, p.87-8) resumia esse beco, na virada do século, em seu romance *A conquista*, da seguinte maneira:

A rua do Ouvidor é trêfega. Durante o dia toda ela é vida e atividade, faceira e garbo; é hílare e gárrula; aqui picante, além poderosa, sussurra um galanteio e logo emite uma opinião sisuda, discute os figurinos e comenta os atos políticos, analisa o soneto do dia e dissecar o último volume filosófico, sabe tudo – é repórter, é *lanceuse*, é corretora, é crítica, é revolucionária. Espalha a notícia, impõe o gosto, eleva o câmbio, consagra o poeta, depõe os governos, decide as questões a palavra ou a murro, a taponar ou a tiro e, à noite, fatigada e sonolenta, quando as outras mais se agitam, adormece. Ouve-se apenas o rumor constante dos prelos nas oficinas dos jornais [...].

Luiz Edmundo (1957), nas suas memórias de juventude sobre o Rio de Janeiro, relembra, ao mapear os principais pontos literários dessa rua, que as confeitarias mais importantes do final do século XIX foram a Colombo, na Rua Gonçalves Dias, e a Pascoal, na Rua do Ouvidor, além de outras que ficavam em um segundo plano,

como a Cailteau e Castelões. Dessas quatro, a mais antiga era a Pascoal, a qual era vista pelo autor como o “melhor centro de reunião e palestra” na época do surgimento da República (ibidem, p.596). Nesse estabelecimento, continua o estudioso carioca, “é que davam *rendez-vous* os paredros da terra, os grandalhões da literatura, da política, do alto-comércio e das finanças” (ibidem). Entre os cafés literários de maior expressão no Rio de Janeiro, estavam aqueles que remetiam ao período áureo da boemia. O coração da capital, segundo Luiz Edmundo (1957), ficava no cruzamento da Rua do Ouvidor com a Rua Gonçalves Dias. Nesse lugar “de maior movimento, de alta-elegância e melhor distinção é que se instala o famoso Café do Rio, com prestígio e renome, desde os últimos dias do passado regime, glória e viço dos estabelecimentos congêneres, em toda esta cidade” (ibidem, p.505). Além do Café do Rio e do Café Paris, tidos como os estabelecimentos de maior concorrência e maior distinção em toda a cidade, merece destaque o Café Globo, na Rua Primeiro de Março, entre a Rua do Ouvidor e o beco dos Barbeiros, onde, como nos conta Luiz Edmundo (1957, p.534), “o sr. D. Pedro II, moço, pela semana santa, após correr as igrejas, no dia da visitação, tomava, sempre, o seu sorvete de caju...”. Havia, ainda, no beco das Cancelas, o Café Cascata; descendo o beco, na Rua do Rosário, o Café do Amorim, “reputadíssimo”; o Café Java, no Largo de São Francisco, esquina com a Rua do Ouvidor; e o Café Papagaio, na Rua Gonçalves Dias, entre as ruas do Ouvidor e Sete de Setembro (cf. Broca, 1960, p.33; Edmundo, 1957, p.533-56).

Como se vê, os cafés e as confeitarias, além das livrarias e dos gabinetes de leitura, localizavam-se majoritariamente na Rua do Ouvidor ou nas suas proximidades, fazendo com que a vida literária se constituísse e se animasse sobretudo nessa confluência entre espaço aberto, onde desfilavam os homens de letras e mulheres que buscavam usufruir das novas formas de civilidade que se estabeleciam, e os espaços fechados, onde se confraternizava, se debatia e se projetava um futuro para o país. Nesse cenário, não foram poucos, nem efêmeros, os elementos mundanos que contribuíram para a formação de um significativo ambiente literário, colaborando,

inclusive, para que a vida literária sobrepujasse a própria literatura, ou seja, havia, como declara a historiografia que se empenhou no estudo desse tempo,⁹ uma necessidade entre os intelectuais do período de viver a literatura, de encenar uma existência voltada para as letras.

Nesse intuito de encenar uma existência voltada para a literatura, os letrados partilhavam certos tipos de comportamentos. O português Armando E. de Figueiredo, por exemplo, que ficou conhecido pelo pseudônimo de João Luso (apud Broca, 1960, p. 41), em seu *A sublime porta* – com o objetivo de ilustrar a conduta dos escritores e o papel do mais famoso dos estabelecimentos da admirável rua, a Livraria Garnier –, escrevia que ficar ali “de perna trançada, o ombro contra o batente, as duas mãos solidamente apoiadas no castão da bengala, eis a decisiva demonstração de talento ou de valor que a história exige para conscientemente se pronunciar”. Luiz Edmundo (1957, p.706), igualmente, relembra que, às badaladas de cinco horas da tarde na Garnier, “a freguesia, agitada, barulha. São advogados, médicos, engenheiros, estudantes que entram para ver novidades literárias, encontrar um intelectual amigo, dar dois dedos de palestra”.

Os passeios e encontros nesse ponto da capital do país faziam parte da rotina intelectual dos homens de letras daquele tempo. Era comum encontrar grandes nomes da literatura brasileira caminhando ou sentados em algum estabelecimento da Rua do Ouvidor.¹⁰ Esse

9 Broca (1960), Ventura (1991) e Machado Neto (1973) tocam nessa questão de a vida literária ter sobrepujado a própria literatura no século XIX.

10 Edmundo (1957), nesse sentido, destaca que vários eram os grupos que se formavam na hora de maior movimento na Livraria Garnier, entre as 16 e 18 horas. Havia “o grupo de Machado de Assis, com José Veríssimo, Sílvio Romero, Joaquim Nabuco, Rui (às vezes) Constâncio Alves, Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Coelho Neto (às vezes), Medeiros e Albuquerque, Araripe Junior, Rodrigo Otávio, Mário de Alencar e Clóvis Beviláqua; [eram] os grossões da Academia que, em geral, [se encontravam] juntos à escrivania do Jacinto. João Ribeiro, que, nesse tempo, ainda não é acadêmico, [formava] no grupo de Pedro do Couto e Fábio Luz, com Rocha Pombo, Gustavo Santiago, Pantoja, Maximino Maciel, Múcio Teixeira, Nestor Vitor e Xavier Pinheiro.

trânsito de intelectuais no beco fomentava, inclusive, uma espécie de tietagem literária. Luiz Edmundo (1957, p.716), a esse respeito, transcreve um diálogo comum naquela época:

– O' sr. Jacinto, aquele senhor, acolá, de nariz de tucano e ar triste, é o sr. Machado de Assis?

– Não, minha senhora, aquele é o Sr. José Veríssimo, um crítico muito importante...

– Ah! E o de chapéu de palha, vesgo, que com ele conversa, é o Bilac?

– Perfeitamente, é o Bilac...

– Como o senhor seria amável se dele me conseguisse o autografozinho, num postal! E arrancando a uma carteira de veludo seis postais, disse:

– Ele que escolhe, entre esses cartões, um e o assine. Claro que se ele escrever uma quadra ou um soneto, melhor será... O que vier, porém, serve, sr. Jacinto, serve. O principal é a assinaturazinha, o autografozinho... É para minha coleção. Por favor...

Excentricidades à parte, a Rua do Ouvidor pôde, portanto, ser considerada o principal local de propagação da intelectualidade do fim do Oitocentos brasileiro. Os provincianos vindos do Norte, do Sul ou de Minas interessados em conhecer seus poetas prediletos teriam a sua curiosidade facilmente sanada em um único passeio à tarde pela Rua do Ouvidor.

Para os homens de letras daquele tempo, não somente os boêmios, frequentar os estabelecimentos dessa rua constituía-se numa espécie de enriquecimento intelectual e prestígio social, um prolongamento dos seus escritos e, ainda, uma forma de divulgação dos trabalhos, ou seja, passar uma tarde em uma livraria ou num café reunido com grupos de amigos letrados fazia parte da produção e

Gonzaga Duque, Márcio Pederneiras e Lima Campos" (ibidem, p.706-707). Havia ainda "outros grupos que se [espalhavam] pelo interior da loja e onde pode a gente encontrar o Osório Duque Estrada, o Sousa Bandeira, o Severino de Rezende e o Curvelo de Mendonça" (ibidem).

promoção de uma obra; além de ser uma prática de valorização e exposição do próprio saber, em um tempo em que tudo parecia novo e demandava exposição. São recorrentes, nas referências literárias da época e em estudos posteriores, descrições do escritor brasileiro como aquele que frequentava todas as tardes os cafés, as confeitarias e/ou livrarias da Rua do Ouvidor.

O cronista Luiz Edmundo (1957, p.713-4), por exemplo, sobre o escritor daquele tempo, declarava:

As livrarias da época ainda conservam um pouco a estreita mentalidade das boticas que eram, outrora, o lugar onde os homens se reuniam para o cavaco e para a desídia. [...] Centros onde se manejavam [...] o escândalo de críticas restritamente pessoais. Cenáculos de vaidadezinhas, de invejzinhas, de vingançaquinhas...

Se o doutor sr. Sílvio Romero, involuntariamente, pisar, por exemplo, o calo do poeta Antonio Lamecha, o que escreveu a “Lira do meu sofrer”, e não lhe pedir, logo, desculpas, arrisca-se a passar, não por um indivíduo descuidado, mas por um literato sem talento, porque, no dia imediato, Lamecha trepa para uma gazeta e arrasa-o: “A História da Literatura Brasileira”, torpe calhamaço que fede a erudição, escrito por certo energúmeno que acode ao nome de Sílvio Romero, no fundo, nada mais é que uma moxinifada imbecil. Isso ele traça e assina. E à tarde, arrastando uma bengala de Petrópolis, como se arrastasse uma adaga de gancho, vai espetar-se à porta da Garnier, cheio de importância e charuto, para discutir o artigo, e acabar a demolição da glória do escritor.

Coelho Neto, igualmente, em seu romance *A conquista*, denunciava esse tipo de conduta dos homens de letras, afirmando que em toda parte os letrados têm centros onde se reúnem e aqui só se tem a Rua do Ouvidor. E continua:

É uma vergonha. [...] Uma das causas da decadência literária, talvez a principal, é esta maldita rua do Ouvidor. Vocês mal saem do banho frio, ainda molhados, engolem, às pressas, a xícara de café e

correm para aqui e aqui passam os dias bebericando, elogiando-se, discutindo sonetos e crônicas ou farejando cocottes. Que diabo! Não é assim que se faz um artista... Trabalhem, deem algumas horas ao livro, façam alguma coisa a sério, deixem este maldito vício da rua do Ouvidor. (Coelho Neto, 2003, p.138)

A bem da verdade, havia, sim, letrados que frequentavam os cafés e as livrarias, mas que se recusavam a conversar sobre literatura, isto é, sempre mantinham a determinação expressa de não se falar jamais de literatura em sua roda, o que, de acordo com o estudioso da vida literária Brito Broca (1960, p.35), traduzia uma “reação contra o clima de artificialidade literária das rodas boêmias”. Todavia, menos importa aqui julgar se o peso de certa faceta dessa sociabilização explica, em parte, as recorrentes acusações de superficialidade nas análises, nas leituras e nos próprios escritos de alguns dos homens de letras do Oitocentos brasileiro, antes vale afirmar que tal forma de sociabilização nesse ponto da capital do país ajudou a definir o perfil dos escritores brasileiros do final do século XIX, bem como fomentou a criação de associações literárias, como foi o caso da consagrada ABL.

Apesar da demora na concretização dessa empreitada, reclamada desde meados do Oitocentos, a ABL, como apresentado no capítulo anterior, ao contrário das muitas outras tentativas, perdura até os nossos dias, e os seus primórdios surgiram na Rua do Ouvidor. Machado de Assis, pois, que nunca frequentava os cafés ou as confeitarias, encontrava-se na Livraria Garnier todas as tardes com José Veríssimo, Lúcio de Mendonça, Coelho Neto, Visconde de Taunay, Joaquim Nabuco e outros para um café, depois do fechamento da *Revista Brasileira*. E foi numa dessas tertúlias que nasceu, tempos depois, a ideia da fundação da ABL.

No Rio de Janeiro, portanto, malgrado tenham sido ampliadas as formas de sociabilização, os propósitos das associações, a organização das instituições e a divulgação do conhecimento permaneceram igualmente semelhantes às agremiações paulistanas, que, em grande medida, seguiram o modelo da mais estruturada associação cultural

do Império, o IGHB. Desse modo, tanto as associações fluminenses quanto as paulistas estavam preocupadas em organizar a intelectualidade daquele tempo, promover a incipiente cultura nacional e dar um lugar para a literatura e o escritor brasileiros. E não só em São Paulo e Rio de Janeiro, vale lembrar, essa prática associativa foi partilhada. Esse tipo de conduta estendeu-se pelas demais províncias brasileiras ao ponto de o reunir-se em associação ter se tornado uma preferência entre os letrados oitocentistas, um gosto e, por que não dizer, uma imposição para que seus escritos não fossem engavetados. Eis, por certo, um dos estímulos ao empenho de formar grêmios literários.

“Irmãs de letras”

Embora nem sempre fossem tão claros para aqueles letrados os meios de viabilizar e manter as sociedades literárias contemporâneas, havia, como é possível notar pela leitura dos periódicos, uma forte ligação entre os grêmios, ou seja, uma das práticas mais recorrentes era a participação de sócios de uma determinada associação nas reuniões de outras congêneres, especialmente nas sessões solenes. Esse intercâmbio, pois, foi decisivo para que as atividades das agremiações parecessem periódicas. Os letrados frequentavam as reuniões de sociedades contemporâneas, entre outros motivos, para saudar o surgimento de novas agremiações, comemorar mais um ano de vida da entidade e, como não poderia faltar nesses eventos com pretensão de comprometimento sociopolítico, homenagear homens ilustres.¹¹ Nessas ocasiões, os oradores das agremiações convidadas sempre tinham a palavra em algum momento da cerimônia, e seus

11 A homenagem aos homens ilustres, que ganhou ênfase no século XVIII, mostrou-se muito forte nesse século XIX, especialmente por parte do IHGB. Maria da Glória Oliveira (2011, p.15), no seu estudo sobre a escrita de biografias na revista do IHGB, afirma que a necessidade de “arrancar do esquecimento os nomes dos brasileiros ilustres afinava-se com o ambicioso empenho da agremiação em colidir documentos para a elaboração da história nacional, tendo em

discursos eram, posteriormente, publicados no periódico da associação participante ou mesmo no da própria homenageada.

J. de Almeida Pereira Filho, orador do Instituto Literário Acadêmico, por exemplo, esteve presente na sessão inaugural da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano, em 1850, e proferiu o seguinte discurso, publicado no *Ensaaios Literários*, órgão do Instituto:

Senhores, no século em que vivemos o princípio da associação tem produzido grandes resultados: semente exótica transplantada das ruínas dos tempos passados – germinou, e hoje admiramos os seus frutos. [...] É do concurso das forças individuais que resulta o progresso, que nascem os grandes pensamentos: melhor ideia não podeis pois acolher, do que a de uma instituição como esta, cuja inauguração hoje solenizamos. Aqui – despindo as vestes do egoísmo vindes trocar os vossos sentimentos, confiar as vossas mais íntimas emoções, os vossos mais generosos desejos à verdadeiros irmãos de letras: aqui não há orgulho, vaidade a recear-se, – porque o fim é nobre, é a instrução, – e a instrução é o farol do futuro. (p.17)

Tal exaltação, pois, talvez resida na confiança de que a Sociedade Ensaio Filosófico abriria novos tempos para os letrados gregários, porque até aquele momento em São Paulo haviam surgido apenas a Sociedade Filomática, em 1833, e o Instituto Literário Acadêmico, em 1846.¹² Além disso, alguns dos membros dessa nova associação, como Álvares de Azevedo, Manoel Francisco Correia, Francisco da Costa Carvalho, Santos Lopes, tinham sido colaboradores do periódico *Ensaaios Literários*. Independentemente da motivação, esse entusiasmo com que Pereira Filho anunciava a nova associação vinha inaugurar um estilo de discurso acalorado que se tornaria comum

vista as demandas políticas peculiares à consolidação do Estado monárquico no Segundo Reinado”.

12 Helder Garmes (2006, p.13), estudioso do órgão dessa agremiação, a *Ensaaios Literários*, destaca que a maior contribuição desse grêmio foi para o publicismo acadêmico, “reinaugurando toda uma verdadeira tradição de associações e publicações estudantis em São Paulo”.

entre os demais oradores que prestigiavam reuniões de outras associações literárias.¹³

Na sessão inaugural da Sociedade Literária Ateneu Paulistano, em 1852, nesse sentido, Manuel Antônio Duarte de Azevedo, orador da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano, proclamava:

Há três anos, senhores, que o Ensaio Filosófico Paulistano vivia de trabalhos e de esperanças, porém só – como a águia pescadora pousada no tronco da palude; viu muitas vezes pela sua cabeça estalar a tormenta, mas passada que fosse, sacudia as suas asas úmidas da chuva, levantava o seu voo e adejava sempre. É agora somente que cheio de contentamento ela vê a seu lado aparecer um companheiro de viagem, para com ele compartilhar as lidas e as glórias.

O espírito de associação, esse poderoso motor do desenvolvimento e do progresso derramado por todos os povos civilizados”, tinha também “tocado o coração da mocidade brasileira”. (p.34)

Mas seria apenas, sete anos mais tarde, no ano de 1859 que esse vaivém de oradores e sócios, ou melhor, essa relação entre associações se intensificaria. Entre os principais motivos desse aumento da circulação de letrados entre os grêmios, estavam: a criação de algumas sociedades literárias nesse ano, como a Sociedade Acadêmica Brasília, Associação Recreio Instrutivo e Associação Club Científico; o surgimento de outras pouco tempo antes, como a Associação Culto à Ciência, em 1857, e o Instituto Acadêmico Paulista, em 1858; e a sobrevivência de duas agremiações duradouras, a Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano e o Ateneu Paulistano. Para além da fundação dessas sociedades, acontecimentos de ordem política e econômica também estiveram diretamente relacionados ao aumento da circulação de homens de letras entre as entidades literárias na segunda metade do século XIX. A expansão da cafeicultura, a urbanização,

13 O discurso inflamado e eloquente, como é sabido, não se restringiu às sociedades literárias, sendo recorrente em todos os âmbitos da vida pública brasileira (cf. Souza, 1999; Machado, 2001).

a instalação de setores econômicos modernos – bancos, comércio de importação e exportação, empresas de serviços públicos, transportes marítimos – e a melhoria nos transportes possibilitaram o aumento do nível de vida da população e uma maior transferência de estudantes para a província de São Paulo. Apesar de as mudanças econômicas e sociais serem mais significativas a partir da década de 70 do século XIX, em 1863, o número de formandos na Faculdade de Direito teria atingido “o máximo de 111” (Morse, 1970, p.93, 131).¹⁴

Florêncio de Abreu e Silva (1859, p.38-9), a esse respeito, declara que “o ano de 1859 há de ser um dos memoráveis nos faustos literários da Academia de S. Paulo”, isto é:

Nunca em S. Paulo houve tanta influência por sociedades, nem também existiram elas em tão grande número. É isto portanto uma exuberante prova de que o amor às letras vai cada dia se desenvolvendo e aumentando, e principalmente este ano tem tomado largas proporções.

Esse ano de 1859 também vai marcar o surgimento, no Rio de Janeiro, da Sociedade Brasileira Ensaios Literários e da Sociedade Filomática. Além disso, não podemos esquecer que nessa data outros importantes periódicos literários, não diretamente vinculados às associações literárias,¹⁵ vieram a lume: a *Revista Popular* (1859-1862), em que foram publicados significativos textos de história da literatura e crítica literária, como os ensaios de Joaquim Norberto de Sousa Silva, Gonçalves Dias, Joaquim Manuel de Macedo, Macedo Soares e Gonçalves de Magalhães; *O Espelho – Revista de Literatura, Moda, Indústria e Artes* (1859-1860), que teve a colaboração de Machado de Assis, Moreira de Azevedo e Casemiro de Abreu; e *A Atualidade* (1859-1864), a qual lançou variados escritos de crítica

14 Ver também Bruno (1984) e Porta (2004).

15 Tal afirmação se refere ao fato de que esses periódicos não eram frutos de associações literárias, no entanto muitos dos colaboradores da *Revista Popular*, *d'O Espelho* e *d'A Atualidade*, entre outros impressos, fizeram parte de grêmios literários surgidos nesse período em São Paulo ou no Rio de Janeiro.

literária, como a crítica do poema épico *Os timbiras* (1857), de Gonçalves Dias, do poema *A nebulosa* (1857), de Joaquim Manuel de Macedo, e da biografia *Varões ilustres do Brasil durante os tempos coloniais* (1858), de Pereira da Silva.

No que se refere às relações entre as agremiações da capital do Império, estas compartilharam da mesma conduta, já descrita, das sociedades criadas em torno da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. No entanto, em razão de existir no Rio de Janeiro um número mais expressivo de associações de naturezas diversas, as relações entre grêmios também alcançaram configurações maiores, não se limitando apenas às conexões entre associações de caráter literário. Nesse contexto mais amplo, por exemplo, a Sociedade Brasileira Ensaio Literários foi convidada a discursar na Assembleia Geral da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (Sain). Em tal solenidade de inauguração do busto de um falecido consócio da Sain, o brigadeiro Dr. Frederico Leopoldo Cezar Burlamaqui, Jorge Lopes da Costa Moreira, presidente da Sociedade Brasileira Ensaio Literários, retoma o binômio clássico das artes e das letras, bem como faz uma junção entre elas e a indústria:

As artes e as letras, Senhores, são irmãs gêmeas, e tendem ao mesmo fim social, que é o aperfeiçoamento do gênero humano, elas marcham assim em harmonia. [...] É precisamente sobre o desenvolvimento e as conquistas destas duas fontes perenes de todo o progresso moral e material que se baseia a indústria. [...] Senhores, nunca seria possível dirigir e regular com proveito e com critério, como vós o tendes feito, as aspirações e o desenvolvimento da indústria nacional num grande país, cheio de recursos e de vida, como é o Brasil, sem que se tenha antes cultivado com esmero e com sucesso as artes e as letras. (“Discurso recitado na Assembleia Geral...”, 1865, p.361)

Do mesmo modo, no aniversário da Sociedade Brasileira Ensaio Literários, a Sociedade Propagadora das Belas-Artes, que serviu de berço para aquela entidade, na voz de seu orador Luis Ayque (1865, p.460), manifesta:

O espírito de associação é um elemento de vida moral.

As associações literárias são os estádios em que se experimentam as forças do espírito, em que o talento pela unção do trabalho empluma as asas para voos da posteridade!

E vós a compreendestes bem, Senhores, que vos ensombráis, hoje, de grinalda festiva para solenizar o aniversário da fundação desta Arcádia, tão prometedora de renome para vós e de glória para nossa pátria.

Como se vê, a postura de reforçar a necessidade e a importância de associar-se – expressa nos discursos proferidos pelos representantes das associações convidadas – vinha atestar o papel desse tipo de sociabilização para criar um ambiente propício à promoção e produção das letras e ao desenvolvimento do país. E não só esses depoimentos em prol do associar-se podem ser tomados como dispositivos de desenvolvimento de um certo espírito associativo, mas também a própria prática de frequentar sessões de outros grêmios reforçava tal crença, pois, até certo ponto, era a relação entre as associações que forjava esse espírito.

A prática de circulação de associados nas reuniões de outras agremiações estava acompanhada, inclusive, de um discurso de amizade fraternal entre elas, ou seja, é comum encontrar nos escritos dessas sociedades a designação “irmãs de letras” para reverenciar associações que mantinham proximidade de interesses e atuação. Todavia, é importante mencionar que o discurso em torno dessa relação fraterna entre associações começa a se manifestar na década de 50 do Oitocentos, quando, então, como destacado anteriormente, o número de associações literárias torna-se mais expressivo e tem início o trânsito entre as agremiações.

Manuel Vieira Tosta Filho (1839-1822) (1857, p.373, grifo nosso), segundo-secretário do Ateneu Paulistano, no quinto aniversário dessa instituição, relata:

Eloquentes vozes representaram as gloriosas *irmãs em letras* do Ateneu Paulistano, o discurso do Snr. Silva Carneiro adquiriu

importantes louros ao – Ensaio Filosófico – esses infatigável campeador das lides literárias, ao passo que o – Ensaio jurídico – agora na primavera dos anos, se coroo de uma aureola luminosa pelo discurso do seu Orador o Snr. Gomes de Menezes. Cabe-nos agradecer a ambas essas Associações o propício acolhimento ao convite, que lhes dirigiu o Ateneu.

Do mesmo modo, Afonso Guimarães Júnior (1861, p.6, grifo nosso), no relatório de 1860 da Sociedade Recreio Instrutivo, descreve que

[...] quanto as nossas relações externas, além da que existia desde o ano passado com o Amor à Ciência, que nasceu quase ao mesmo tempo que a nossa, durante este ano nos relacionamos com o Instituto Acadêmico, Brasília, Culto à Ciência e há dias com o Ensaio Filosófico, Ateneu Paulistano e Club Científico. Esta aliança com as nossas *irmãs de letras* é uma garantia para nossa Associação, por que cobertas de glórias e louros como elas são, certamente muito nos honram muito nos animam, prestando-nos seus auxílios e valiosa proteção. As associações Culto à Ciência, Instituto Acadêmico e Amor à Ciência deram-nos mais uma prova de confraternidade, oferecendo-nos alguns números de seus jornais.

Ainda a esse respeito, Feliciano Teixeira Leitão (1865, p.402-3), na *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Literários*, ao noticiar o aniversário de uma agremiação, ressalta:

[...] a S. L. Nova Filomática celebrou a sua 1ª sessão aniversária. Se foi pouco numerosa a reunião, se muitas das associações convidadas para assistir a esse festejo não prestaram a aquiescência devida à uma *associação irmã*, é contudo certo que a reunião modesta preencheu o fim para que, entre outros muitos, fomos convidados.

Juntamente com essa fraterna relação, era usual as sociedades presentarem suas “irmãs de letras” com os exemplares dos

periódicos que publicavam. A Associação Tributo às Letras, por exemplo, trazia no seu relatório de 1861 uma lista das revistas recebidas: “temos recebido as revistas que as associações acadêmicas têm publicado, as quais formam a nossa pequena biblioteca” (Tolentino, 1864, p.37). Dessa modesta biblioteca faziam parte: um exemplar dos estatutos do Club Literário, um do Ensaio Acadêmico, um registro interno da redação e dez revistas do Instituto Científico, doze do Culto à Ciência, dois do Ensaio Acadêmico, um do Recreio Instrutivo, um do Ensaio Filosófico, dois do Ateneu Paulistano e cinco da *Revista Escolástica do Rio de Janeiro* (ibidem). Esses letrados gregários, portanto, acreditavam que a distribuição entre as associações de suas publicações era uma forma segura de legitimação da existência da instituição e um meio de torná-la pública.

E quando não havia essa cordialidade ou troca de revistas, vale destacar, as associações logo se manifestavam, como foi o caso do Ateneu Paulistano. No relatório do primeiro-secretário Duque-Estrada Teixeira, este questiona sobre o silêncio do IHGB, que não respondeu às comunicações desse grêmio nem acusou o recebimento dos jornais que lhes foram remetidos. As medidas, então, tomadas pelo Ateneu depois do ocorrido, apresentadas em ata, foram a suspensão da remessa de jornais para o IHGB e um comentário provocativo de Teixeira (1857, p.378-9): “não esmolamos favores nem mendigamos proteção, contamos apenas com simpatias a que temos direito”. Essa ponderação pode ser vista como uma pequena alfinetada no IHGB e na sua “imediate proteção de S. M. I. o Senhor D. Pedro II”.

Outra quebra, agora mais significativa, daquela certa calma anunciada entre as sociedades literárias se deu entre a Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano e o Ateneu Paulistano. De acordo com o relatório da sessão de 18 de junho de 1852 (Teixeira Júnior, 1852), uma proposta de reforma nos estatutos da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano havia gerado uma grande polêmica e um cisma entre os associados. Na ocasião, 13 sócios pediram demissão, e entre esses nomes estavam os de Santos Lopes, José Bonifácio, o moço, e Francisco da Costa Carvalho, os quais, dois meses depois, estariam à frente da nascente associação Ateneu Paulistano. Não se tem

muitas notícias sobre essa cisão entre os sócios da Ensaio Filosófico que gerou o surgimento do Ateneu Paulistano.¹⁶ No entanto, apesar das motivações e desavenças, as duas agremiações sempre fizeram questão de reproduzir uma conduta amigável entre oradores e sócios, tanto que, na sessão inaugural do Ateneu, Manuel Antônio Duarte de Azevedo (1852, p.33-4), orador do Ensaio Filosófico, proferiu o seguinte discurso:

Senhores: – Quando mil brindes se fazem a uma existência que começa, quando mil vozes se erguem para inaugurar um busto, que não terá de simbolizar uma grande ideia, não seremos nós os únicos que guardem o silêncio na mesa do festim. O Ensaio Filosófico Paulistano, anuindo ao vosso convite, também se apresenta para saudar-vos. A glória e a prosperidade do ATENEU PAULISTANO!

Embora alguns atritos tenham ocorrido entre essas entidades, o discurso mais recorrente foi o de relação amigável entre as sociedades, ou melhor, entre as “irmãs de letras”. Eis, decerto, mais uma faceta desse processo de desenvolvimento e arraigamento do gosto por associar-se.

O laboratório da mocidade brasileira

Juntamente com esse coro em prol do valor de associar-se, a exaltação da mocidade foi outra constante perceptível no discurso

16 Estudos posteriores, como o de Garmes (2006, p.39-40) sobre os *Ensaio Literários*, do Instituto Literário Acadêmico, destacam que no momento em que surgiu o periódico do Ateneu Paulistano, em 1852, seus redatores mantinham “longas polêmicas” com os integrantes da Ensaio Filosófico. O autor destaca as “ácidas críticas” feitas por Santos Lopes à série de artigos intitulados *Ensaio*, de Tomás Alves, ou mesmo o debate sobre “os destinos da alma humana” entre Antônio Ferreira Viana, do Ateneu, e Rodrigo A. da Silva, da Ensaio Filosófico (ibidem). Já Machado (2001) aponta a morte de Álvares de Azevedo como o fator cardeal do cisma dentro da Ensaio Filosófico.

dos letrados gregários, especialmente no caso das associações paulistas, formadas por acadêmicos ao redor do Largo São Francisco. Na revista *Ensaios Literários*, do Instituto Literário Acadêmico, o qual foi criado por primeiranistas da turma de 1846 da Faculdade de Direito, não por acaso, praticamente todos os escritos vangloriaram-se dos trabalhos da mocidade brasileira daquele tempo. Em 1850, Cipriano Fenelon Guedes Alcoforado (1850, p.31), nesse sentido, num longo mas ilustrativo discurso lido na comemoração dos 22 anos da Faculdade de Direito de São Paulo, manifesta:

A mocidade ardente em concepções, ousada em perscrutar, palpitante, ansiosa, perseverante em seu trabalho, cheia de seiva de vida e vigor, entre risos e folganças, trabalha, caminha [...] como a regeneradora da sociedade, como o arcanjo de luz, como pensamento de Deus, e para esse trabalho insano lhes deu Deus tempo, vontade e meios [...] e um destes [meios] talvez o mais profícuo, o de maiores e quase incríveis resultados, foi a associação. [...] Srs., hoje um dos meios mais usuais de estudos, adotado por vós e por vossos colegas (quero falar dos vossos colegas de Olinda e das mais Academias do Império) é a associação, algumas das quais tendo em vistas a publicação de periódicos, tem entre outros publicado o *Mosaico*, o *Crepúsculo*, o *Fileidemon*, o *Polimático*, o *Cruzeiro do Sul*, os *Ensaios Literários*, o *Ateneu*; é portanto do aturado estudo, dos esforços combinados da mocidade Acadêmica, que tem nascido estes valentes campeões, que hasteando a bandeira do progresso, justificam a divisa, que tomaram – o querer é poder.

O caráter encomiástico, pois, enumerava as qualidades da juventude que poderia levar adiante a missão. No topo, virtudes contrastantes como desassossego e inquietude, de um lado, e constância e empenho, de outro, mostravam-se igualmente necessárias para que as associações cumprissem seu desígnio. Desígnio que, anos antes, já se vinha igualmente delineando como missão dos jovens em outras falas laudatórios, como o discurso de inauguração da associação em questão, em que seu presidente, após anunciar a

fundação da entidade, assevera: “o progresso é sempre impellido pela mocidade: é ela sempre a primeira a lançar os germens da civilização, a primeira sempre a regenerar o país” (*Ensaios Literários. Jornal de uma Associação de Acadêmicos*, 1848, p.4).

O tom apologético e suplicante dos discursos dos membros das sociedades literárias, os quais buscavam transmitir uma imagem de portadores das Luzes, pretendia despertar o desejo dessa mocidade de tomar as rédeas do país e ocupar um lugar naquele cenário. Enquanto liam-se e/ou ouviam-se uns aos outros, esses jovens letrados empenharam-se em estabelecer uma relação direta entre seu potencial e os valores que, embora de conteúdo pouco claro para muitos, eram tomados como incontornáveis para as jovens nações daquele tempo: progresso e civilização. Ambas as noções, pelo que se depreende das publicações das sociedades literárias, foram diretamente alimentadas pelas ideias filosóficas de Victor Cousin, o pensador mais lido no interior da Academia de Direito naquele tempo. De acordo com o filósofo francês,

La développement de l'espece humaine dans le espace et le temps, c'est l'histoire. Je dis le développement; car il n'y a point de l'histoire de ce qui ne se développe point. Et quelle est l'idée impliquée dans celle de développement? L'idée de progrès. Tout histoire implique donc un développement, une marche progressive. Qu'est-ce maintenant que le développement progressif de l'espece humaine das l'histoire? La civilization. (Cousin, 1841, p.12)

Na visão de Cousin (1841) e dos membros das sociedades literárias aqui estudadas, para que o Brasil fizesse parte da história, portanto, seria necessário que o país e seu povo progredissem e se desenvolvessem.¹⁷ E um dos meios mais seguros para a realização de

17 Manuel Salgado Guimarães (1988, p.8), a propósito, ao analisar o projeto do IHGB para uma história nacional, destaca que a leitura da história empreendida pelo instituto esteve marcada por um duplo projeto: “dar conta de uma gênese da Nação brasileira, inserindo-a contudo numa tradição de civilização e progresso, ideias tão caras ao iluminismo”.

tal empreitada seria justamente o desenvolvimento da cultura por meio das agremiações literárias.

Desse modo, esse vínculo entre mocidade, progresso e civilização, segundo esses jovens acadêmicos, se dava por meio do agrupamento da incipiente intelectualidade, ou seja, o canal para a mocidade alcançar o progresso e regenerar o país era justamente por meio das associações. Tais ligações, como é sabido, não eram procedimentos exclusivos das associações literárias, podendo ser notadas em todos os campos que estiveram comprometidos com a formação da nascente nação brasileira. Barão de Mauá, por exemplo, em 1851, no lançamento do segundo Banco do Brasil, como ficou conhecido, declara: “o espírito de associação, senhores, é um dos elementos mais fortes da prosperidade de qualquer país, é, por assim dizer, a alma do progresso” (Visconde de Mauá, 1942, p.127).

Malgrado essa mocidade tenha se empenhado em exaltar seus feitos, constituir associações e fomentar o surgimento de um certo espírito associativo, a efemeridade do movimento associativo, tão denunciada e temida por esses homens, esteve diretamente ligada à pouca idade dos letrados. Analisando, por hora, o caso das associações literárias de São Paulo, as quais se organizaram no seio da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, vale ressaltar que da pioneira Sociedade Filomática, formada por alguns professores da Faculdade de Direito e, na sua maioria, por acadêmicos, passando pelo Instituto Literário Acadêmico, criado por iniciativa dos discentes do primeiro ano, até as agremiações da década de 70 do Oitocentos, quando esse movimento perde força, praticamente todos os grêmios tiveram seus quadros preenchidos quase que exclusivamente por jovens acadêmicos.

Assim sendo, as sociedades literárias paulistas eram formadas por jovens que estavam cursando a faculdade, e, quando esses mesmos homens terminavam os cinco anos de graduação, a vitalidade e a força de que dispunham nos tempos acadêmicos para levar a cabo essas iniciativas associativas também diminuía. A vida acadêmica, tomando as palavras do periódico *Ensaios Literários. Jornal de uma Associação de Acadêmicos* (1849, p.2), é “momentânea e

passageira – um dia de solenes alegrias, de grandes saudades nos espera no rematar desta viagem científica –, nesse dia, desaparecemos das cenas dessa vida para entrarmos como autores no grande teatro do mundo”. Ou seja, os tempos acadêmicos, e as agremiações literárias estavam incluídas aí, eram uma etapa do processo de formação daqueles homens de letras. Além disso, em alguns casos, as sociedades literárias pareciam atividades complementares da graduação, isto é, as reuniões promovidas pelos grêmios podem ser vistas como uma espécie de prolongamento ou extensão da Academia.¹⁸

No entanto, embora as sociedades literárias tenham sido empreendimentos vítimas da inconstância própria da juventude, em contrapartida, essas associações funcionaram como uma espécie de laboratório, um laboratório onde os acadêmicos com pretensão a escritor ou político iniciavam seus trabalhos, ou melhor, uma espécie de espaço iniciático na vida pública. Apesar do caráter efêmero, esses grêmios, como vimos, realizavam reuniões com frequência, faziam sessões solenes, tinham estatutos, lançaram periódicos, possibilitaram a publicação das primeiras obras de jovens escritores e deram espaço para os aspirantes a políticos exercerem cargos de liderança, exercitarem a oratória e se organizarem dentro desse meio. Justiniano José da Rocha, por exemplo, quando cursava o último ano de Direito, ajudou a fundar a Sociedade Filomática, em 1833. Nesse tempo, Rocha (1833) estava iniciando suas atividades nas letras e no jornalismo e publicou, na *Revista da Sociedade Filomática*, um estudo pioneiro no ramo do nascente discurso crítico-literário, intitulado “Ensaio crítico sobre a coleção de poesias do Sr. D. J. G. Magalhães”. Depois desse primeiro momento acadêmico, J. J. da Rocha tornou-se um grande jornalista, um tradutor incansável – de obras como *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, em 1845, ou de *Os miseráveis*, de Victor Hugo, em 1862 –,

18 Helder Garmes (2006, p.43), em seu estudo sobre o periodismo acadêmico, destaca que “o associativismo acadêmico pode funcionar, então, como apoio eficaz das atividades escolares, apresentando-se, possivelmente, como lugar ideal para a publicação de trabalhos de final de curso”.

além de destacar-se como político ligado ao Partido Conservador e autor do panfleto “Ação, reação, transação” (1855), ensaio “acerca da atualidade” política do Brasil.¹⁹

Outros estudantes da Faculdade de Direito e membros de associações acadêmicas também se tornaram personagens destacados na política nacional, a saber: Aureliano C. Tavares Bastos foi membro do Instituto Acadêmico Paulista, redator da sua revista, *O Caleidoscópio*, e participou, como partidário do liberalismo, ativamente da vida política, exercendo três mandatos como deputado geral pela província de Alagoas e escrevendo obras como *A província*, de 1870; e Manuel Ferraz de Campos Sales, membro e colaborador da Associação Culto à Ciência e, mais tarde, quarto presidente da República, de 1898 a 1902. Sem falar no chamado “ninho de republicanos” formado pela Faculdade de Direito de São Paulo nesse tempo. Só na turma de Campos Sales, entre os anos de 1859 e 1863, estiveram na mesma classe Bernardino de Campos, Francisco Quirino dos Santos, Rangel Pestana e Prudente de Moraes.²⁰

Figura igualmente destacada nesse cenário foi Álvares de Azevedo, o qual, apesar da passagem curta pela vida, realizou obra literária significativa, foi colaborador em alguns periódicos da época e o idealizador e fundador da Sociedade Ensaio Filosófico

19 Sobre Justiniano José da Rocha, ver Cardim (1964) e Rocha (1956).

20 As faculdades de Direito, tanto de São Paulo como de Recife, foram consideradas por Joaquim Nabuco (1899) como “ante-salas da Câmara”, ou seja, centros por excelência de formação de políticos e da administração imperial. Sobre a Faculdade de Direito de São Paulo como uma “escola política”, ver Martins e Barbuy (1998, p.58-71). Sérgio Adorno (1988) igualmente, em *Os aprendizes do poder*, desenvolve a ideia de que, mais que uma instituição de ensino jurídico, a Academia de Direito de São Paulo foi uma formadora de políticos, ou seja, a formação do bacharel teve muito mais um sentido político do que propriamente jurídico. De acordo com Adorno (1988), “desde cedo, os cursos jurídicos nasceram ditados muito mais pela preocupação de se constituir uma elite política coesa, disciplinada, devota às razões do Estado, que se pudesse à frente dos negócios públicos e pudesse, pouco a pouco, substituir a tradicional burocracia herdada da administração joanina, do que pela preocupação em formar juristas que produzissem a ideologia jurídico-política do Estado Nacional emergente”. Ver também Venâncio Filho (2004).

Paulistano. Também no campo da literatura, tivemos Fagundes Varela, que produziu a parte mais importante da sua obra na sua fase de estudante, e o mesmo aconteceu com Aureliano Lessa, Bittencourt Sampaio, Francisco Otaviano, Bernardo Guimarães, como poeta, José Bonifácio, o moço, e dezenas de outros.

Ainda sobre essa mocidade que esteve na cabeceira do movimento associativo em São Paulo, merece destaque José de Alencar. Quando jovem, esse renomado romancista havia sido membro fundador do Instituto Literário Acadêmico e, anos depois, lembrando esses tempos da Academia de Direito, afirmava: “fundamos, os primeiranistas de 1846, uma revista semanal sob o título – *Ensaios Literários*” (Alencar, 1893, p.20); e sobre os caminhos que seus contemporâneos de faculdade e de associação seguiram: “dos primitivos colaboradores desse periódico, saudado no seu aparecimento por Otaviano e Olímpio Machado, já estão redatores da *Gazeta Oficial* (ibidem)”. Os outros, prossegue Alencar (1893, p.20), “aí andam dispersos pelo mundo. O Dr. José Machado Coelho de Castro é presidente do Banco do Brasil” e o “conselheiro João de Almeida Pereira, depois de ter luzido no ministério e no parlamento, repousa das lides políticas no remanso da vida privada”. Muitos desses jovens acadêmicos, como se vê, iniciaram suas carreiras nos tempos da faculdade por meio de associações literárias e, com o passar do tempo, ganharam espaço nas letras e na política do país. Ali aprenderam a desenvolver as habilidades oratórias que tanto peso tiveram na nossa vida política e não pouco na abertura de caminho para o prestígio dos escritores.²¹

21 A importância da retórica e da eloquência na formação dos políticos, de uma literatura e de uma cultura brasileiras foi estudada, entre outros, por Souza (1999), Silva (1978), Brandão (1988), bem como por Antonio Candido (2007, p.309), o qual declara que “Como orador e jornalista foi que o intelectual definiu então em grande parte a sua posição: e sob tal aspecto apareceria doravante ao público médio, como a própria encarnação da literatura. Até os nossos dias persiste algo desta ligação funcional entre o reconhecimento coletivo e os gêneros públicos, sem dúvida os caminhos mais seguros que o homem de letras encontra para adquirir prestígio e recompensa. Ainda aqui, a fase que abrange

A passagem por associações literárias, portanto, era um primeiro passo da formação de homens que, até certo ponto, se tornaram figuras significativas do Oitocentos brasileiro. Primeiro passo apenas, pois outras duas etapas coroavam a vida intelectual nesse tempo em que se tentava convencer sobre a importância das trajetórias coletivas para aquilo que se acreditava ser a missão dos estudiosos, dos sábios e dos cultivados: criar um país civilizado, inspirado nas conquistas do passado e nas promessas do futuro. No circuito São Paulo/Rio de Janeiro, três estágios configuravam, portanto, a vida dos intelectuais: uma breve passagem pelas sociedades literárias formadas por jovens acadêmicos ou principiantes; a participação no IHGB, modelo de associação bem-sucedida no Império brasileiro; e a chegada à renomada instituição literária brasileira de âmbito nacional, a ABL, como sócio ou homenageado. Não necessariamente, porém, os letrados passavam pelos três estágios durante a carreira. Mas muitos desses letrados que transitaram, no tempo da mocidade, entre as associações literárias de São Paulo seriam os mesmos homens que, quando mais maduros, iriam compor os quadros do IHGB, e alguns, inclusive, seriam homenageados como patronos das cadeiras da ABL. Vejamos, de modo abreviado, algumas dessas trajetórias.

O caso mais notável foi de José Maria da Silva Paranhos Júnior (1845-1912), mais conhecido como Barão do Rio Branco.²² O jovem acadêmico, embora tenha concluído sua graduação em Direito na Faculdade de Direito do Recife, cursou os três primeiros anos, de 1862 a 1864, na Faculdade de Direito de São Paulo e, nesse tempo, participou, como vice-presidente, da associação Club Acadêmico, fundada em 1863. Logo depois de formado, Rio Branco foi convidado para filiar-se ao IHGB, com apenas 22 anos, chegando, no início do século XX, à presidência da instituição. E, ainda, em 1898, foi eleito membro da ABL, ocupando a cadeira de número 34. Do

os reinados de d. João VI e d. Pedro I, mais a Regência, parece decisiva para apreendermos certas constantes da nossa vida mental independente”.

22 Sobre o barão do Rio Branco, ver Lins (1996) e Viana Filho (2008).

mesmo modo, João M. Pereira da Silva (1817-1898), participou dos três momentos da experiência associativa: foi membro da Associação Ensaio Acadêmico, criada em 1861, do IHGB, bem como foi sócio e fundador da cadeira de número 34 da ABL, cuja vaga, como apontado anteriormente, seria logo preenchida pelo Barão do Rio Branco.

É verdade que muitos desses homens de letras não viveram o suficiente para compor os quadros da tão almejada ABL, todavia, de alguma forma, os nomes de alguns letrados gregários do tempo da Faculdade de Direito estiveram lá, por meio da criação do Patronato de cada uma das 40 cadeiras da entidade. Isto é, a ABL, apesar de ter seguido o modelo de organização em 40 cadeiras da Academia Francesa, inovou ao designar um patrono para cada assento. Entre os jovens que partilhavam do gosto por associar-se nos tempos da faculdade e foram homenageados na ABL, temos como patronos: Álvares de Azevedo (1831-1852), da cadeira de número 2; Bernardo Guimarães (1825-1884), da cadeira de número 5; Casimiro de Abreu (1839-1860), da cadeira de número 6; Fagundes Varela (1841-1875), cadeira de número 11; França Júnior (1838-1890), da cadeira de número 12; Francisco Otaviano (1825-1889), da cadeira de número 13; José Bonifácio, o moço (1827-1886), da cadeira de número 22; José de Alencar (1829-1877), da cadeira de número 23; Junqueira Freire (1832-1855), da cadeira de número 25; Pedro Luís Pereira de Sousa (1839-1884), da cadeira de número 31; e Tavares Bastos (1839-1875), da cadeira de número 35.

E dos letrados que participaram dos dois primeiros momentos da carreira associativa, podemos destacar: Couto Magalhães, o Barão de Corumbá, o qual foi colaborador na revista da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano e membro da Arcádia Paulistana, da Associação Club Científico e do IHGB; Francisco Homem de Melo, o Barão Homem de Melo, sócio da Arcádia Paulistana e do IHGB; Luiz Francisco da Veiga, presidente do Club Científico e membro do IHGB; João Francisco Diana, membro da Associação Tributo às Letras e do IHGB; Leonel M. de Alencar, o barão de Alencar, sócio do Instituto Literário Acadêmico e do IHGB, entre outros homens de letras. Esse trajeto intelectual de São Paulo para o Rio de Janeiro, a

propósito, esteve, por vezes, relacionado à necessidade de realização profissional do letrado.²³

Depois de apresentarmos essa espécie de circuito associativo de formação de parte da intelectualidade que estudou em São Paulo, retomemos a questão da efemeridade das agremiações literárias. Visto que a curta duração das sociedades literárias esteve diretamente relacionada aos ímpetus da juventude, essa tal efemeridade possibilitou, inclusive, um trânsito desses jovens entre associações literárias. Nem bem uma sociedade encerrava seus trabalhos, os seus sócios já estavam fundando uma nova ou preenchendo quadros de outra. Desse modo, durante os anos da graduação ou mesmo antes nos preparatórios,²⁴ os estudantes da Faculdade de Direito, munidos de um espírito associativo, passaram por mais de uma associação durante a vida acadêmica. O recordista de participações, pois, parece ter sido José Bonifácio, o moço, que, durante os preparatórios, foi membro do Instituto Literário Acadêmico, quando já ingressou na Faculdade de Direito, foi sócio da Sociedade Ensaio Filosófico Paulistano e do Ateneu Paulistano, e, depois de formado e professor dessa instituição, foi presidente do Instituto Acadêmico Paulista e presidente honorário da Associação Culto à Ciência.

Outra hipótese sobre a brevidade das associações talvez esteja relacionada à falta de fundos econômicos – tendo em vista que, na maioria dos casos, eram os próprios sócios que financiavam a instituição – e ao rarefeito cenário literário da época, em que os produtores de cultura, em sua maioria, eram os próprios consumidores (cf. Lajolo; Zilberman, 1996, p.64), ou seja, o Brasil do Oitocentos possuía uma sociedade que estava dando os primeiros passos rumo

23 Broca (1979, p.322) destaca que, “se a atividade intelectual era vivaz em São Paulo e em Recife, depois do período estudantil os que ali se haviam iniciado nas letras tinham de vir realizar-se na Corte”.

24 De acordo com Martins e Barbuy (1998, p.31), os estudantes que vinham para São Paulo cursar a Faculdade de Direito “eram meninos de 15 anos, idade mínima prevista pela Lei de 11 de agosto para iniciar o curso de Direito. Muitos deles chegavam a São Paulo mesmo antes desta idade para frequentar o curso preparatório, então chamado de Curso Anexo, e depois prestar os exames para ingresso efetivo na Academia”.

à modernização, em que a imprensa ainda se firmava e uma população era formada por mais de 70% de analfabetos (Veríssimo, 1977, p.47). Desse modo, a criação e a permanência de qualquer entidade cultural constituíam tarefa árdua, e a vontade de associar-se, em muitos casos, foi maior que a possibilidade de criar condições de concretização e solidificação dessas instituições. Tão árdua aparecia tal empreitada para aqueles homens que as sociedades literárias mais duradouras eram até exaltadas nas revistas. Feliciano Teixeira Leitão (1873, p.807), sobre a Sociedade Brasileira Ensaio Literários, exclamava: a associação “desmentiu-lhes o vaticínio; e esses quase decorridos 14 anos, esses 158 meses ou 5.110 dias são as provas evidentes da elevação da ideia, da excelência dos fins, da confraternidade e da perseverança dos obreiros”.

E como uma espécie de fôlego para a mocidade, os discursos das associações literárias sempre destacavam a disposição dos jovens gregários, que nunca se deixavam abater. Afonso Guimarães Júnior (1861, p.4-5), no relatório da Sociedade Recreio Instrutivo, afirma que seu ânimo estava relacionado à força de vontade da mocidade brasileira e aos bons exemplos, ou seja:

[...] a mocidade brasileira não desanima porque, além da força de vontade que lhe é própria, além da pureza e firmeza de suas convicções, ela tem o exemplo e a animação auxílio de ilustres e verdadeiros brasileiros, que sempre se acham à testa das grande empresas científicas e de artes, e dentre os quais sobressai aquele, em cuja majestosa frente fulgura a coroa Imperial, o qual ocupará brilhantes páginas na pátria história, sobre quem a posteridade dirá: Pedro II soube em seu régio manto acolher as ciências e as artes, amou sua pátria, foi bom príncipe, e soube sempre segurar dignamente na cabeça a coroa que a nação confiou-lhe.

O espelho dos valorosos do passado e o apoio dos do presente deviam concorrer para o aclamado vigor da juventude. Dom Pedro II, mencionado no final dessa passagem, foi um grande incentivador da cultura e patrocinou muitas iniciativas literárias, sendo

visto, inclusive, pela maioria dos escritores, como um patrono das letras, um mecenas das artes no país, ou ainda, um “rei-filósofo”, desempenhando um papel notório em todos os ramos do saber no Brasil.²⁵ Além da Recreio Instrutivo, outras associações literárias glorificaram o monarca, exaltaram sua atualização do binômio antigo saber/poder²⁶ e evocaram a sua ajuda, pois, como afirmou certa vez Maximiano de Souza Bueno (1859, p.7, grifo do autor), “a mocidade, ainda que forte e animada, precisa todavia de ter *os seus Mecenas*”. Apesar, pois, dos brados laudatórios da figura do monarca, nem sempre foi tão amigável essa relação, e D. Pedro II foi acusado, mais de uma vez, de privilegiar somente as associações da capital do Império e esquecer-se das outras províncias. Além disso, o imperador não via com bons olhos aqueles jovens estudantes de São Paulo que se autodenominavam byronianos, adeptos de orgias e bebedeiras. O monarca tinha profunda admiração por Byron, considerando-o um dos maiores poetas do século, contudo, preocupado com a missão social da literatura e seu papel na formação da nacionalidade brasileira, não admitia que se confundisse a vida com a literatura, que se mimetizasse a arte. Pires de Almeida (1962, p.168), na sua série de artigos sobre o tema reunidos posteriormente em *A escola byroniana no Brasil*, afirma que o imperador criava “insuperáveis obstáculos à carreira diplomática e sobretudo à magistratura” dos byronianos.

Apesar de toda a disposição do imperador e do seu amor pelas letras, não foi, contudo, durante o período imperial que vimos surgir no Brasil uma associação literária de âmbito nacional. Esta só veio a se tornar possível em 1897, já na República, com a fundação da ABL, como visto no capítulo anterior.

* * *

25 O imperador do Brasil foi sendo construído, de acordo com Guimarães (1988), segundo os protocolos dos monarcas modernos: aqueles que abriram mão do uso da espada em prol da força da pena.

26 Sobre a atualização do binômio antigo saber/poder em D. Pedro II, ver Schwarcz (1998), Guimarães (1995), Carvalho (2007) e Calmon (1975).

Dos dispositivos de propagação e manutenção da prática de associar-se dos letrados, o principal, por certo, foi a imprensa. A imprensa periódica desempenhou um importante papel ao longo do Oitocentos brasileiro, tornando-se palco privilegiado das discussões sobre o Brasil e a sociedade brasileira. Ela era concebida nesse cenário não apenas como um dos meios para obter informações, mas também como um instrumento de aperfeiçoamento do homem e da sociedade. E, no caso das sociedades literárias surgidas no século XIX, esse papel da imprensa não foi equidistante; além de instruírem os jovens escritores, esses grêmios ainda possibilitaram a conquista de espaço pela mocidade que estava despontando, pois cada sociedade tinha o seu quinhão na imprensa.

Nesse afã, os membros das associações, com um extraordinário apetite poético e literário, tinham seus objetivos bem definidos, a saber: a necessidade de nacionalizar não apenas a literatura, mas igualmente todos os segmentos da vida brasileira. E o meio que essas associações encontraram para ter voz naquele nascente cenário intelectual foi justamente pela, igualmente incipiente, imprensa. Da Sociedade Filomática de São Paulo (*Revista da Sociedade Filomática*, 1833) à Sociedade Filomática do Rio de Janeiro (*Jornal da Sociedade Filomática*, 1959-?), passando pelo Instituto Literário Acadêmico (*Ensaio Literários. Jornal de uma Associação de Acadêmicos*, 1846-1851), Ensaio Filosófico Paulistano (*Revista Mensal do Ensaio Filosófico Paulistano*, 1851-1864?) – talvez o mais importante dos periódicos da época que circularam em São Paulo –, Ateneu Paulistano (*Ensaio Literários do Ateneu Paulistano*, 1852-1866?), Instituto Acadêmico Paulista (*O Caleidoscópio*, 1859-?), Sociedade Brasileira Ensaio Literários (*Revista Mensal da Sociedade Ensaio Literários*, 1865-1874), Associação Recreio Instrutivo (*Revista da Associação Recreio Instrutivo*, 1861-1863), Associação Culto à Ciência (*Memórias da Associação Culto à Ciência*, 1859-1861), Associação Tributo às Letras (*Revista da Associação Tributo às Letras*, 1863-1866) e por uma dezena de outras associações de caráter literário, todas, de algum modo, lançaram revistas ou jornais.

Finalizado esse breve mapeamento das formas de organização das sociedades literárias surgidas em São Paulo e no Rio de Janeiro e dos dispositivos de desenvolvimento e preservação de um certo espírito associativo, dediquemos mais tempo à imprensa periódica. O propósito do próximo capítulo é, justamente, realizar um breve mapeamento de como eram essas revistas, quem escrevia e quais os seus formatos e conteúdos, bem como apresentar a importância dessas publicações para a literatura e a crítica literária, dado que esses impressos tiveram papel central para as associações literárias e para a propagação da literatura, da crítica literária e do escritor do século XIX.